



MIGUEL TAMEN

ERRO EXTREMO II

Ensaio do *Observador* (2016-2017)

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I

*Je parle à tous; et cette erreur extrême
Est un mal que chacun se plaît d'entretenir.*

JEAN DE LA FONTAINE

© 2021, Miguel Tamen
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Erro Extremo II*
Autor: Miguel Tamen
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (P. Serpa)

1.ª edição: Setembro de 2021

ISBN 978-989-671-631-8
Depósito Legal n.º 488185/21

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	9	O controle das origens	67
Começar de novo	11	A extracção	69
O problema das elites	13	Os mártires mentais	71
Os traidores	15	A ideologia alemã	73
As afinidades electivas	17	Bibi	75
A ordem geral das coisas	19	Espírito de escada	77
O idiota da aldeia global	21	Acesso privilegiado	79
Uma lição de teologia	23	A protecção do consumidor	81
A Idade Média no Portugal contemporâneo	25	O mistério da educação (x)	83
Coisas que fazemos	27	Ter razão	85
Conselhos e opiniões	29	O desporto	87
O mistério da educação (viii)	31	O culto do inexprimível	89
A filosofia pelo fado (i)	33	A filosofia pelo fado (iii)	91
O Monopólio	35	A complexidade deste mundo	93
Os presuntos implicados	37	O cidadão às compras	95
As fábulas	39	Ocasões de choradeira	97
A Menina da Secretaria		O amor à arte	99
Guiando o Povo	41	Não estamos aqui para nos divertir	101
Azuis e verdes	43	A eliminação do bebé	103
Um ananás a tempo	45	Um certo tempo	105
Os sapatos dos outros	47	O mistério da educação (xi)	107
A América	49	O momento da verdade	109
Os apanhados	51	O ponto de vista do utilizador	111
O que é um país	53	As vantagens dos incêndios	113
O estilo português elevado	55	Grandes momentos	
A filosofia pelo fado (ii)	57	na história da aviação	115
A ingratidão	59	O arqueólogo	117
O conservador	61	A filosofia pelo fado (iv)	119
O mistério da educação (ix)	63	As qualidades das qualidades	121
A expressão das emoções	65	Liberdade de impressão	123

PREFÁCIO

Este livro contém os ensaios que escrevi para o jornal *Observador* entre Julho de 2016 e Julho de 2017. É a continuação de um primeiro volume, com o mesmo título, publicado em 2017. Como nesse caso, foi Rui Ramos quem generosamente me convidou a escrevê-los. Os ensaios são aqui republicados pela sua ordem original, como foram pensados, e para quem foram pensados. A única diferença, tirando a correcção silenciosa de pequenos erros tipográficos, é a explicitação de algumas ligações a fontes, nomeadamente aos fados que os ensaios da sequência «A Filosofia pelo Fado» comentam.

Se no primeiro ensaio do primeiro volume defendi, como continuo a defender, que o melhor exemplo de liberdade de expressão é não sentir a obrigação de ter opiniões sobre todas as coisas, no último ensaio deste volume falo do modo como quem se exprime livremente gosta de impressionar os outros, e da relação entre expressão e impressão. Existe pois uma simetria em toda a série; uma explicação para ter começado; porventura outra para ter acabado; e portanto uma teoria acerca daquilo a que chamei erro extremo.

M.T.

Junho de 2021

COMEÇAR DE NOVO

Quando a nossa papelaria faliu segue-se o opróbrio; e quando matamos ou esfolamos espera-se a reintegração na sociedade. Das possibilidades de regeneração não nos cabe completamente ajuizar; mas impressiona a severidade para com desaires comerciais de terceiros, que em última análise costumam depender de causas veniais e erros de cálculo. E impressiona o modo como geralmente se acredita na ideia de que um crime possa ser pago, se não a pronto pelo menos a prestações.

Parece uma questão de sensatez desejar que o dono da papelaria possa recuperar depressa do seu desaire e, com o seu dinheiro, ou com aquele que arranjar por meios legais, tomar juízo ou melhorar a sua sorte e a dos outros. Pelo contrário, a convicção geral segundo a qual desaires de morte e esfolamento, passado um certo período de quarentena, desaparecem sem deixar rasto, é irrazoável. As convicções gerais, porém, não se corrigem por via legislativa, por exemplo tornando mais lenientes as leis sobre falências, ou tornando mais furiosas as penas para crimes de sangue. Nenhuma destas duas soluções, cujos méritos aliás não são equivalentes, contribui só por si para esclarecer a dificuldade maior: pagar pelos nossos erros é fundamentalmente diferente de pagar uma dívida; uma dívida pode ser o resultado de um erro; mas um erro não é uma dívida.

A liberalidade com que imaginamos que, salvo em questões comerciais, é sempre possível começar de novo vem de imaginarmos

que mortes e esfolamentos são, na ordem geral das coisas, mais dignos de comisseração que azares contabilísticos; mas vem sobretudo de uma ideia sobre pessoas que assenta na noção de que uma pessoa, desde que não se dedique a actividades económicas, pode, de modo deliberado, mudar completamente; e que ao mudar completamente não apenas passa a ser outra pessoa como deixa de ser a pessoa que era até ter mudado; e que ao deixar de ser quem era cessam todas as responsabilidades, todas as opiniões; e até pode mudar de aspecto.

O argumento não é um argumento, que seria exagerado, contra a ideia de que as pessoas podem mudar, e por deliberação própria: podem, e às vezes devem; e outras vezes ainda têm. É um argumento contra a ideia de que ao longo da vida de um certo animal podemos ser várias pessoas, separadas por momentos de amnésia; e contra a ideia fantasiosa de que a vida consiste em começar de novo cada vez que nos ocorre essa ideia. Nem todos os animais são pessoas; mas a duração de uma pessoa tende a coincidir com a da vida de um animal. A ideia de começar de novo é fantasiosa porque ignora o modo como um crime cometido nos pode acompanhar mesmo muito depois de sairmos da prisão; e uma promessa, muito depois de ser cumprida; e a tristeza de ter sido Jorge, muito depois da alegria de ser agora Amélia.

O PROBLEMA DAS ELITES

O maior problema das elites é falar-se do problema das elites. Fazemo-lo com alarme e compunção; mas o que nos compunge é sobretudo nós próprios: o sinal mais certo das elites é deplorar a falta de si mesmas. São todavia emoções desnecessárias. Se um génio nos concedesse a satisfação do nosso desejo e os outros se transformassem no que pretendemos ficaríamos rodeados por pessoas muito parecidas connosco. O mundo passaria então a ser exclusivamente constituído por pessoas preocupadas com a falta de pessoas como elas.

«Ai Jesus que já não há ninguém inteligente e preparado» é um grito que ecoa desde tempos imemoriais, e na corte e na cidade. Lamenta-se que à Europa ou ao romance falem gigantes; e lamentam-se em especial aqueles que no tempo dos gigantes os achavam apequenados. Os gritos sugerem cálculo e espontaneidade; a metade calculada é calculada, e a metade espontânea é insensata. A parte do cálculo exprime-se quando se alvitra, no interesse público, o financiamento de métodos eugénicos para a produção de elites. Pede-se à saúde e à educação, que por tal razão devem ser públicas, a responsabilidade de encorajar a multiplicação de pessoas extraordinariamente bem preparadas; e crê-se genericamente que cabe ao Estado garantir que ninguém morre antes de tempo, de rubéola ou de tédio, ou em qualquer caso fora do país que o viu nascer.

Em boa verdade a parte calculada do clamor já contém uma medida de insensatez. Se houvesse modo público de multiplicar por desígnio pessoas como nós (em *workshops* de templários, ou acampamentos de jovens empreendedores), o resultado seria letal para quem o reclamasse, visto que cedo se veriam avassalados pelos frutos do seu cálculo. Os métodos experimentados do nepotismo ou das outras carreiras abertas aos talentos são muito preferíveis. Tal como o fascínio pela inteligência ocorre caracteristicamente a pessoas pouco inteligentes, a ideia de encorajar a multiplicação massiva de pessoas bem preparadas só ocorre a pessoas pouco preparadas; e à maioria o problema das elites não ocorre.

Ainda está por perceber a forma inepta de vaidade que leva pessoas a queixar-se da falta de pessoas como elas. A imagem é a de quem, diante dos seus óculos, maldiz o facto de os ter perdido; ou de quem procura crianças para adoptar em abstracto quando tem por perto um pomar de sobrinhos. Como num sonho ou num plano quinquenal, o lamento sobre o problema interrompe-se ainda por cima antes da parte em que nos seriam comunicados os pormenores da solução. O que fica é então a expressão de uma nostalgia difusa; mas a nostalgia por um mundo de pessoas inteligentes e bem preparadas é circular e intransitiva: consiste apenas na admissão, característica das elites, de que, decerto por defeito da criação, este mundo não faz justiça a quem acha que todos deviam ser como eles.

OS TRAIADORES

Um autor observou que sempre que ouvia a música de Wagner tinha vontade de invadir a Polónia. A televisão portuguesa e o resto adoptaram durante o último mês o tom da Rádio Berlim por volta de 1939, embora ao som da música empolgante do maestro António Melo. A única coisa decente a fazer, sugeriu-se, seria partir à reconquista do mundo, começando pelos países que falam português e acabando nos que não; Angola, foi comunicado, é nossa.

Uma multidão de homens quase sem voz especializou-se em promessas; sempre que acontecia estar por perto uma câmara ou um microfone garantiram aos quatro e aos cinco a morte de alguém ou a vitória, sombriamente. Os principais eleitos aproveitaram a ocasião para defender que a legitimidade política consiste no defluxo espontâneo de sentimentos poderosos. Usaram para o efeito cachecóis em pleno Verão; deram saltos; e explicaram através de processos intelectualmente corruptos que se tudo fosse sempre como é agora, nada do que é agora seria.

O horror generalizado que se seguiu, embora de curta duração, serve no entanto para lembrar aos historicamente inclinados que o mundo moderno não descende das conversas de café em companhias de resseguros londrinas; ou dos salões da eleitora da Renânia-Palatinado; ou de um esforço de cavalheiros. Remonta antes aos hábitos musculados da Bizâncio do século VII, onde a

opinião nasceu das claques desportivas: o couraçado Potemkin e a Gloriosa Revolução são os herdeiros do hipódromo de Constantinopla, de onde partiam os autocarros carregados de corpos para as voltas triunfais, muito aplaudidos. Os que prometem vitórias e aplaudem serão hoje tecnicamente outros; mas têm um modo não-técnico de ser sempre os mesmos.

A situação leva a pedir uma palavra de admiração para os traidores. São traidores todos os que em momentos de emoção colectiva repararam que a frase «Hoje temos mais razões para acreditar em Portugal» não pode ser verdadeira nem falsa; os que mostraram relutância em andar pelas cidades de tronco nu; e mesmo aqueles que exprimiram apreço genérico pela ideia de França, mãe das artes, das armas e das leis.

Os traidores maiores de todos, e por isso os mais admiráveis, são todavia os que, cercados não obstante por lenços de minhota heráldicos e teorias sobre a nação eleita, persistem em considerar um sistema político sem autocarros nem triunfos, para o qual a taxa de abstenção é como o colesterol bom; e que desprezam um sistema político em que as escolhas principais são patrocinadas por companhias de cerveja, recomendadas por cientistas sociais, e sufragadas por adeptos. São aqueles que consideram que a maior conquista política da espécie foi justamente um modo de vida sem adeptos: em que não há vigilância policial dos eleitores sobre os eleitos; em que ninguém fica sem cabeça, e em que ninguém fica sem voz.

AS AFINIDADES ELECTIVAS

Os cônjuges parecem-se entre si; os cães, com os donos; e as plantas, com as penas. A não poucos na bicha de uma farmácia terá porém surpreendido o seguinte letreiro: «Directora Técnica: Doutora Maria Elvira da Conceição Pescado Tavares Piparote Rodrigues.» Com quem ou quê se parecerá a portadora do nome? Os nomes portugueses tornaram-se gradualmente muito compridos; têm depois começado a diminuir: a grande excepção à sístole é a do comércio farmacêutico. A ciência debruçou-se sobre este assunto, porque justamente lhe aborrecem as excepções. Hoje todavia existe uma explicação para o fenómeno dos nomes compridos das directoras técnicas das farmácias. Essa explicação, a que se chama normalmente Lei de Putnam, tem a vantagem de ligar a evolução dos nomes das directoras das farmácias à evolução da química.

Empédocles nasceu na Sicília e é conhecido por ter descoberto que neste mundo só havia quatro coisas. Tais coisas ficaram conhecidas por: fogo, ar, água e terra. O que surpreendia os sicilianos era que houvesse poucas coisas e os seus nomes fossem curtos; hoje sabe-se porém que são curtos porque Empédocles tinha um nome curto; ou, mais provavelmente segundo a Lei de Putnam, que Empédocles tinha um nome curto porque na Sicília só havia quatro coisas. Quem estivesse à espera de ser aviado numa farmácia de Agrigento veria sem surpresa o letreiro: «Director Técnico: Empédocles.» Havia uma simetria feliz.

A água de Empédocles teve uma evolução que não nos ocupará. Conduziu à descoberta de que aquilo a que Empédocles chamava água era de facto o resultado de uma aliança entre oxigénio e hidrogénio, em proporções que quase ninguém nas escolas desconhece. Foi esta evolução que proporcionou uma mudança de compreensão dos fenómenos químicos. A mudança ocorreu quando se correlacionou a descoberta com o nome de quem a descobriu; ou melhor, quando se correlacionou o nome de quem descobriu com o facto de que a água era pelo menos duas coisas. O autor do feito ficou por essa razão conhecido como Amedeo Avogadro; sugere uma certa complexidade. Data desta altura a concepção moderna da direcção técnica de farmácia.

Na civilização contemporânea não é anormal os mais imprevistos solicitarem 2-[3,4-dihidroxi-2,5-bis(hidroximetil)tetrahydrofuran-2-il]oxi-6-(hidroximetil)oxano-3,4,5-triol α -D-Glucopiranosideo. Trata-se de açúcar. A quem, porém, o farão com mais propriedade? Nas pastelarias, como os melhores autores observaram, os directores técnicos chamam-se quase todos Senhor Luciano e não têm por essa razão conhecimento específico daquilo que administram. É apenas nas farmácias que a onomástica das directoras técnicas faz justiça às fórmulas negociadas. É aos seus nomes que devemos pedir o nosso açúcar. São estas afinidades electivas que levam, em todos os bairros, à confissão orgulhosa que se ouve: «O meu nome é Doutora Maria Elvira da Conceição Pescado Tavares Piparote Rodrigues; pode confiar em mim em questões de química molecular.»

A ORDEM GERAL DAS COISAS

Porque passamos muito tempo a celebrar-nos uns aos outros, a quase ninguém ocorre o pensamento de que possa contar pouco na ordem geral das coisas. «Tu», observou o dinossauro horrível¹, «és especial / E todos são especiais.» Os pais celebram constantemente os filhos, mesmo os mais perversos, e os eleitos celebram os eleitores, mesmo os mais inconstantes. É muito raro que ninguém seja celebrado por terceiros, e é ainda mais raro que a alguém não ocorra celebrar alguém.

É aos que são celebrados por terceiros que o pensamento de que contam pouco na ordem geral das coisas quase nunca ocorre; parece-lhes implausível que os outros possam estar enganados acerca das suas qualidades. Mas tal como quem tosse nem sempre tem bronquite, assim pode dar-se o caso de que a celebração de terceiros seja um reflexo fisiológico que a espécie humana desenvolveu, ou pelo menos que não pressuponha nenhuma convicção forte acerca das qualidades de quem se celebra; pode ser que os elogios constantes que recebemos sejam gestos nervosos feitos sem pensar, e não expressem admiração especial por nós; e pode ser que sejam mesmo sinal de uma incapacidade para a admiração genuína, a qual distinguirá alguns mas nunca recompensa todos.

¹ https://www.youtube.com/watch?v=k_t7pTfdYts (consultado em 17/08/2021).

A nós no entanto estas possibilidades nunca ocorrem. Parecem-nos pelo contrário que porque os outros se referem constantemente às nossas qualidades as deveremos ter enormes. A nossa posição na ordem geral das coisas é assim a posição num mundo em que eu celebradamente tenho um papel importante a desempenhar; e em que, como num pesadelo budista, tudo está ligado. O mundo em que contamos não é só um mundo em que, como afirmou o fadista conhecido, o bater de asas de uma andorinha em São Francisco pode causar uma enorme primavera em São Francisco; é um mundo em que eu acredito que tenho a obrigação de causar primaveras substanciais através do bater das minhas asas.

A ideia de que eu conto na ordem geral das coisas está ligada à ideia de que o mundo não está completo sem mim. Parece uma ideia sobre o mundo, mas é no fundo uma ideia sobre mim. É responsável pela maneira como descrevo tudo a partir da opinião que tenho acerca de mim próprio; e pelo tom superior e prosaico com que explico tudo o que acontece aos outros e no mundo. A celebração constante daquilo que acredito serem as minhas qualidades confirma-me na ideia de que o mundo é uma versão de mim próprio no tamanho acima, que só por acaso, ou talvez por razões ornamentais, inclui também andorinhas, estações do ano e outras pessoas. E a razão aliás por que conheço o mundo tão facilmente, e com tanto acerto, é que, graças ao facto de ser tão celebrado pelos outros, já me conheço a mim muito bem.

O IDIOTA DA ALDEIA GLOBAL

A tendência recente para procurar com o telefone objectos inexistentes nas florestas e no património construído (e assim causar quedas, decepções e crimes) não basta para mostrar a decadência do género humano, que conhece desde os tempos bíblicos essas três possibilidades. É mais preocupante o entusiasmo que um número cada vez maior dos seus membros tem por aquilo que na imprensa se refere como aldeia global.

Quando se ouve «aldeia global», a maior parte das pessoas presta atenção apenas a «global». A primeira coisa que se deve dizer acerca da aldeia global, no entanto, é que é uma aldeia. Uma aldeia, ao contrário de uma cidade, de uma vila grande, ou aliás de um deserto, é um lugar onde a forma principal de relação humana é a bisbilhotice. Em qualquer aldeia a obsessão é a roupa branca, ou seja, a roupa interior; e por isso o principal assunto é a roupa suja. Na aldeia global o grande tema é o interior das pessoas: e o maior interesse é a sua sujidade.

A aldeia global atrai idiotas, oficialmente no sentido original do termo. A palavra «idiota» significava na Grécia antiga «cidadão considerado na sua individualidade». Este conceito de idiotia está na origem do conceito moderno de pessoa humana. O conceito moderno de pessoa humana sugere que uma pessoa humana é digna porque o seu interior é diferente do das outras pessoas. Da parte de fora todos somos iguais; da parte de dentro, porém,

somos todos idiotas, porque dentro de cada um de nós se passam, pelo menos em teoria, coisas diferentes. Não há assim contradição na palavra de ordem moderna «todos idiotas, todos iguais».

Há pouco a fazer quanto à nossa idiotia. Mas parece que aquilo que em nós é irremediável se torna sombriamente proeminente quando é teletransportado, em particular por jovens, para uma aldeia global. Na aldeia global, a principal actividade dos idiotas é falarem do que têm dentro de si, isto é, da sua idiotia; e anunciarem-no a todos os outros aldeões com uma constância de propósito que tradicionalmente era usada para espalhar insinuações acerca dos outros. A actividade característica dos idiotas da aldeia global consiste pois em espalhar boatos acerca de si próprios.

A maneira como as pessoas espalham boatos acerca de si próprias na aldeia global exige descrições daquilo que acham, daquilo que fazem, e daquilo que lhes acontece. Dá-se porém o caso de todos os aldeões acharem sensivelmente as mesmas coisas, e fazerem as mesmas coisas; e de lhes acontecer sensivelmente as mesmas coisas. Os boatos que espalham sobre si são por isso muito parecidos entre si; e indicam que o que se passa dentro dos seus autores é muito parecido. Nesse caso a aldeia global será ainda povoada por idiotas, embora já não no sentido original do termo.

UMA LIÇÃO DE TEOLOGIA

A um actor português em quem poucos suspeitaram talento ou originalidade foi atribuída a frase seguinte: «*Hamlet* é a história de alguém que trocou o ceptro pelo duvidoso.» A definição terá sido inventada por quem quase de certeza nunca leu a peça no original; e talvez não a tenha lido de todo; mas é verdadeira. Com efeito, não é desacertado especular que se o príncipe da Dinamarca tivesse ficado quieto durante os cinco actos teria acabado por herdar o ceptro do padraço; ou que ao embarcar num inquerito incerto sobre a identidade do assassino do pai terá arruinado as suas possibilidades de sucessão dinástica. Mas, para além de serem verdadeiras, as palavras do actor são ainda memoráveis e engraçadas.

No entanto o maior interesse do acontecimento não é tanto a frase só por si como o facto de que uma frase engraçada, ao ser atribuída a uma pessoa que não julgaríamos capaz de a inventar, nos faz mudar de ideias sobre a pessoa. O actor em questão dominava na melhor das hipóteses a arte do cómico involuntário; representou as piores peças; na maior parte dos casos fê-lo com outros actores tão maus ou piores que ele; lisonjeou os instintos mais baixos daqueles que o aplaudiam; e, quando o imagináramos apenas capaz de coisas que confirmassem tudo o que já sabíamos acerca dele, redimiou-se numa definição única e certa que muitos de nós invejam e admiram.

ERRO EXTREMO II

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA EIGAL, INDÚSTRIA,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G,
EM AGOSTO DE 2021.

